

PAULO ROBERTO FINGER

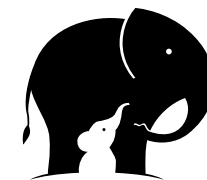
Somando histórias, dividindo valores



LEGADO
HISTÓRIAS DE VIDA

PAULO ROBERTO FINGER

Somando histórias, dividindo valores



LEGADO
HISTÓRIAS DE VIDA

Setenta e três anos são quase 27 mil dias, quatro mil semanas, 900 meses.

Aos dois anos de idade, eu quase perdi a vida após um acidente. Cada um dos milhares de dias que vieram depois foram oportunidades de recomeçar, crescer e construir uma história com dedicação e propósito.

É seguro dizer que a vida não é medida apenas pelo tempo, mas pelo que fazemos com ele.

E é sobre isso que se trata este livro, que dedico à minha família.

Entrevistas: Valquíria Vita, Legado Histórias de Vida
Texto: Roger Buseti Torres e Valquíria Vita, Legado Histórias de Vida
Projeto gráfico e diagramação: Dani Almeida Design
Fotos: Arquivo pessoal da família
Ano: 2025

www.historiasdevida.com.br

Prefácio

Paulo Roberto Finger, também conhecido como Beto, contador e empresário, pai de três filhos, avô de dois netos, esposo, irmão, amigo, cidadão, conselheiro. Nós, filhos, não cansamos de escutar as histórias de vida, as placas dos carros, os lugares em que trabalhou, os feitos que realizou. Por não termos uma memória tão esplêndida quanto a sua, resolvemos presentear-te com esta biografia, forma que encontramos de eternizar a tua figura e passá-la também, de alguma forma, para os netos e demais familiares que vierem depois de ti.

Este livro é mais do que um registro de uma vida, é a possibilidade de transformar em palavras uma história e o legado que deixaste na vida de muitas pessoas, em especial a tua família e a comunidade onde vives. Este legado, que hoje está materializado aqui, permanece cravejado dentro dos nossos corações, da nossa memória e da nossa história. Afinal, legado não é o que deixamos para as pessoas, e sim o que deixamos nas pessoas, aquilo que o tempo não tem a capacidade de destruir, nem as intempéries de mudar.

Aprendi contigo — que sempre foi muito melhor em ações do que em palavras — que as palavras convencem, mas é o exemplo que arrasta. Este livro tem o objetivo de registrar em palavras as tuas ações em vida, a tua história de vida que nós, teus filhos, tua esposa, teus familiares e amigos tanto admiramos e que nos enche de orgulho.

Felipe Finger

Linha do Tempo

Paulo Roberto Finger

Década de 1950

1951: Nasce, em 7 de novembro, em Flores da Cunha, RS, o terceiro filho de Ary Finger e Luiza Maria Mambrini Finger: Paulo Roberto Finger.

1953: Sofre um grave acidente ao cair de uma janela, fraturando o crânio. Sobrevive após uma longa recuperação, evento considerado um milagre pela família.

Década de 1960

1960: Ingressa na Escola São José, em Flores da Cunha, onde inicia sua jornada educacional.

1964: Começa a cursar o Ensino Médio no Ginásio São Rafael. Desenvolve sua paixão por matemática e faz amizades duradouras.

1967: Inicia o trabalho no escritório de contabilidade da família, sob a supervisão do pai, do sócio Valdomiro Francescatto e do colega Irineu Francescatto.

1968: Participa de sua primeira viagem de formatura a Porto Alegre, onde visita museus e o estádio de futebol.

1969 e 1970: Passa pela escola Cristovão de Mendoza, em Caxias do Sul e, depois, ingressa no Colégio Nossa Senhora do Carmo, onde cursa o Técnico em Contabilidade

Década de 1970

1970: Conhece Sonia Maria Cemin em um baile em Otávio Rocha. Inicia um relacionamento que se tornará central em sua vida.

1971: Assume tarefas mais complexas no escritório de contabilidade, ganhando a confiança do pai.

1973: Assume oficialmente a gestão do escritório de contabilidade, após a aposentadoria de Ary Finger.

1974: Conclusão do Curso Técnico em Contabilidade, com obtenção do registro no Conselho Regional de Contabilidade do RS (CRCRS) um ano depois.

1977: Casa-se com Sonia Maria Cemin em 15 de janeiro, na Igreja dos Capuchinhos, em Caxias do Sul. A recepção é realizada em Flores da Cunha, para 600 convidados.

1977: Torna-se Delegado do CRCRS (até 2009).

1979: Membro da Comissão da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes (de 1979 a 1982 e depois durante 2006 a 2007).

Década de 1980

1981: Nasce Eduardo, seu primeiro filho.

1982: Atua como tesoureiro da Festa Nacional da Vindima.

1984: Nasce Henrique, seu segundo filho.

1985: O escritório investe em tecnologia e adquire seu primeiro computador, marcando o início da digitalização

dos processos contábeis.

1989: Nasce Felipe, seu terceiro filho, completando a família.

Década de 1990

1990: Participa ativamente de projetos comunitários.

1993 e 1994: Atua como presidente do Grupo de Escoteiros Alberto Mattioni.

1997: Elege-se vereador pela primeira vez, iniciando sua trajetória na política.

1999: Assume a presidência da Câmara de Vereadores de Flores da Cunha pela primeira vez.

Década de 2000

2001: Reelege-se vereador e é novamente presidente da Câmara, liderando debates importantes sobre o desenvolvimento urbano da cidade.

2003: Atua como prefeito interino de Flores da Cunha por um curto período. Contribui para a viabilização do terreno para o Grupo Escoteiro Alberto Mattioni, realizando um sonho de longa data.

2008: Ampliação do Hospital de Flores da Cunha, com melhorias na infraestrutura e novos equipamentos, fruto de esforços conjuntos entre vereadores e comunidade.

2008: Como membro da Diretoria desde 2000 até hoje, participou na Ampliação do Hospital Nossa Senhora de Fátima de Flores da Cunha, com melhorias na infraestrutura e novos equipamentos, fruto de esforços conjuntos com a comunidade.

Década de 2010

2010: Retoma o foco no escritório de contabilidade, ampliando a base de clientes e fortalecendo os vínculos com empresas locais.

2014: Conselheiro no Conselho Municipal de Idoso na sua criação em 2014 até 2022. Membro do Conselho Fiscal da Apae (até hoje)

2016: Nasce Benjamin, seu primeiro neto, trazendo uma nova alegria para a família.

Década de 2020

2023: Nasce Maria Isabel, sua segunda neta. Celebra o crescimento da família com Sonia, filhos e netos.

2024: Continua ativo na comunidade e no escritório de contabilidade, refletindo sobre sua trajetória de trabalho, política e família.

Memórias de infância em Flores

Enquanto reflito sobre minha origem, percebo que a vida, desde o início, é um entrelaçamento de forças — o caos e a ordem, a fé e a razão, o individual e o coletivo. Números e palavras.

Entregar a declaração de imposto de renda à Receita Federal é, em muitos aspectos, um processo carregado de simbolismo. Cada linha preenchida e cada documento anexado são como uma confissão silenciosa de nossas escolhas ao longo do ano: o que ganhamos, o que gastamos, o que poupamos e o que doamos. Não há como mentir sem riscos, pois as leis são claras, e o fiscal, invisível, mas atento, espera que tudo esteja em ordem.

Vejo nisso um paralelo com minha própria vida. No fim, talvez todos nós apresentemos uma grande declaração de nossas escolhas, ações e intenções. Mas, em vez de recibos e balanços financeiros, o que será revelado são os gestos: as decisões que tomamos, os caminhos que escolhemos, os impactos que deixamos nas vidas ao nosso redor. É como se a existência fosse composta por uma tabela invisível, onde cada linha carrega um registro de quem realmente somos.

O amor pelos números, pelo equilíbrio e pela clareza sempre me ajudou a buscar respostas. Cada cálculo é mais do que um resultado — é um reflexo de ordem e lógica que muitas vezes transcendem as dificuldades do dia a dia. Assim como em uma planilha, onde cada célula tem sua função, acredito que a vida também exige organização, transparência e propósito. Quando cuidamos de nossas ações com a mesma atenção que damos às nossas contas, encontramos serenidade no fato de que tudo se encaixa.

Talvez a simplicidade seja a chave para uma vida bem vivida. Quem age com honestidade, compartilha o que tem e cuida de seus valores como cuida de suas finanças. Com isso, olha para sua trajetória com tranquilidade. No final, o saldo da vida não está em acumular, mas em equilibrar o que somos com o que fazemos pelo mundo.

A vida, assim como um livro de contabilidade, é feita de créditos e débitos, acertos e ajustes, erros — idealmente não deveriam acontecer, mas acontecem — que precisam ser corrigidos e balanços que nos ensinam a encontrar o equilíbrio. Cada página que viramos carrega os registros de escolhas, sacrifícios, conquistas e aprendizados. E, assim, ano após ano, vamos construindo a história que nos define, transformando cada linha em um capítulo do grande diário da nossa existência. É, possivelmente o livro caixa mais importante de todos.

Carrego comigo os valores que meus pais tão amorosamente plantaram — fiz o possível para ensinar o mesmo aos meus filhos. Acredito que a vida é tanto um presen-

te quanto uma responsabilidade. Meu pai sempre deixou isso bem claro. Cada escolha, cada gesto, é uma oportunidade de aproximar-se de Deus, estabelecer laços e construir um legado.

Nossas raízes nos sustentam, mesmo quando os ventos da vida sopram com força.

Minha história começa em 7 de novembro de 1951, em Flores da Cunha, uma pequena cidade no coração da Serra Gaúcha. Ali, o tempo parecia se misturar com o aroma dos parreirais, a brisa fresca das montanhas e a simplicidade da vida em comunidade. Flores da Cunha não era apenas um lugar; era um berço que moldava pessoas com valores e tradições duradouras. Foi nessa terra que dei meus primeiros passos, sendo o terceiro filho de Ary Finger e Luiza Maria Mambrini Finger, um casal que, sem saber, plantava as sementes do meu caráter e da minha visão de mundo.

Nasci em casa, na rua Júlio de Castilhos, com a ajuda de uma parteira, como era comum na época. Nossa família seria numerosa, formada por 15 filhos. Crescer em um lar tão cheio era, ao mesmo tempo, um desafio e uma bênção. A cada dia, eu aprendia que a união e o respeito eram os pilares que sustentavam nosso pequeno universo. Fui batizado como Paulo Roberto, o que me rendeu o apelido de Beto, até hoje.

Aos dois anos, vivi o que minha mãe sempre descreveu como um verdadeiro milagre. Morávamos na casa da rua Júlio de Castilhos, e, como toda criança curiosa, eu gostava de explorar. Certo dia, subi na janela do segundo andar, me

desequilibrei e caí de uma altura de três metros, diretamente na calçada. Eu sofri uma fratura no crânio e o desespero tomou conta dos meus pais.

Nos anos 1950, o contexto médico era muito diferente do que conhecemos hoje. Não havia unidades de pronto atendimento em cada cidade, ambulâncias equipadas ou tecnologia para diagnósticos imediatos. Em uma cidade pequena como Flores da Cunha, os recursos eram ainda mais limitados e depender de um hospital em Caxias do Sul significava enfrentar uma viagem angustiante por estradas precárias.

Na época, muitas famílias confiavam na experiência de parteiros, farmacêuticos e médicos práticos, cujas habilidades eram indispensáveis em lugares com pouca infraestrutura. No caso de acidentes graves, como o meu, o destino muitas vezes dependia mais da rapidez de uma decisão e da capacidade do corpo de resistir do que de intervenções sofisticadas. Os exames de imagem que hoje são rotineiros, como tomografias, eram inexistentes. Diagnósticos eram feitos com base em observação e intuição, e o sucesso do tratamento, em muitos casos, era uma questão de sorte e força vital. E, no meu caso, orações e promessas de mãe. Que nesses contextos costumam valer em dobro.

Naquele dia, enquanto meus pais me levavam apressados a Caxias do Sul, o medo os acompanhava. Meu pai, Ary, dirigia enquanto minha mãe, Luiza, me segurava nos braços, alternando entre a angústia, as orações fervorosas e a expectativa de chegar a tempo. Na metade do caminho

para o hospital, meus pais pararam o carro, achando que eu já tinha partido, pois não sentiam mais meu coração bater. Foi ali que minha mãe, desesperada, fez uma promessa: se Deus me salvasse, ela teria quantos filhos Ele mandasse — e não tentaria mais evitar nenhuma gravidez.

A jornada até Caxias era mais do que física — era emocional, carregada de incerteza. Chegar ao hospital e receber atendimento foi o primeiro alívio em um momento que parecia interminável.

Sobreviver a esse acidente foi um marco na minha vida e na da minha família. Para mim, isso se tornou um símbolo de como a vida pode ser frágil e, ao mesmo tempo, resiliente. Para minha mãe, Luiza, foi um lembrete de que a força de uma promessa e o amor incondicional de uma mãe podiam mover montanhas, mesmo diante das limitações da medicina da época. E, quanto à promessa dela... foi cumprida. Até então, nós éramos quatro filhos. Depois disso, ela teve mais 11.

Esse episódio do acidente, posteriormente, me ensinou algo que carrego até hoje: o tempo que nos é dado é precioso. Cada dia que vivi desde então, cada decisão e cada conquista, é uma extensão daquele momento em que minha vida, por pouco, não foi interrompida.

Sobreviver foi um privilégio, mas também uma responsabilidade — uma chance de construir algo significativo com os dias que se seguiram. Naquele contexto médico quase rudimentar dos anos 1950, sobreviver sem sequelas à uma queda não era garantido; era quase um milagre da

resistência humana e da coragem de uma família determinada a salvar seu filho.

A vida, com sua teia de acontecimentos imprevisíveis, às vezes parece revelar conexões misteriosas entre os fatos. Anos depois deste episódio angustiante em que eu fui salvo de uma tragédia, encontrei-me em uma situação igualmente desafiadora, mas invertida.

Quando meu pai sofreu um mal súbito, vítima de um infarto, tomei o volante mesmo sem saber dirigir e o conduzi até o hospital, numa tentativa de salvá-lo.

Seria isso uma retribuição da vida, uma espécie de ciclo de cuidado que se fecha ou se completa de forma inesperada?

Talvez seja apenas a essência da família: a dedicação incondicional que atravessa gerações e supera os limites do medo e da incerteza.

Meu pai, Ary, era um homem cuja força não se limitava ao físico. Contador, farmacêutico prático e vendedor de seguros, ele equilibrava várias funções com a habilidade de quem sabe que a vida exige esforço e adaptação constantes. Para ele, a honestidade era uma virtude inegociável, e isso ele nos ensinava não apenas com palavras, mas com exemplos. Nunca vou me esquecer das vezes em que o via resolver problemas de clientes com paciência e precisão. Cada um deles saía do escritório com a certeza de que havia sido tratado com respeito e justiça.

Ele sempre dizia a frase: “Podemos ser burros, mas jamais desonestos.” Para ele, a honestidade era algo que não

se deveria abrir mão, independentemente das circunstâncias. Essa lição ficou gravada em mim e moldou minha visão de mundo, reforçando a importância de sempre agir com integridade, não importa o desafio.

Ele tinha o dom para os números, mas não queria que eu seguisse seus passos. Achava que a contabilidade era complicada demais, cheia de leis e responsabilidades. Ele sonhava que eu me tornasse engenheiro, mas a vida tinha outros planos para mim.

Minha mãe, Luiza, era uma força da natureza. Trabalhar fora e criar tantos filhos era um desafio imenso, mas ela dava conta com uma energia que parecia inesgotável. Oficial de justiça e responsável pelo cartório da cidade após a morte de meu avô, ela conciliava as responsabilidades de trabalho com o cuidado de uma família numerosa. Nunca me esqueço da imagem dela sentada na máquina de escrever preta, que ela usava com tanta destreza que os juízes do tribunal a chamavam para as sessões mais difíceis.

Ela adorava lembrar um episódio marcante de sua vida. Certa vez, foi convocada para um júri logo após dar à luz. Não havia ninguém para substituí-la, então, ela levou o bebê no bercinho para o tribunal. Enquanto o juiz fazia as perguntas, ela já tinha tudo anotado. Impressionado, o juiz perguntou: “A senhora não vai escrever?” E ela, com sua típica rapidez e praticidade, respondeu: “Já está escrito”. Assim era minha mãe: eficiente, decidida e sempre dedicada ao que fazia.

Acima de tudo, ela era uma mulher de fé inabalável. Foi ela quem nos ensinou a rezar, a agradecer antes das refeições e a confiar em Deus nos momentos difíceis. Suas orações noturnas eram como um alívio que nos trazia conforto e segurança.

Se meu pai me deu as ferramentas para compreender o mundo com lógica e ética, minha mãe me deu a fé e a espiritualidade para enfrentar os desafios com coragem e esperança. Juntos, eles formaram o alicerce daquilo que me tornei.

A convivência com meus pais me ensinou a importância de trabalhar duro e ser grato por tudo que temos. Meu pai participava de várias entidades, como a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) e o Hospital Nossa Senhora de Fátima (que ajudou a se estruturar e desenvolver, sendo um dos sócios fundadores). Ele também trabalhava, voluntariamente, na farmácia hospitalar. Estava sempre ajudando os outros e transmitiu a mim essa vontade de estar envolvido em questões sociais na comunidade.

Eu tinha 14 irmãos: João Carlos (1948), Luiz Antonio (1950), Maria de Fátima (1953), Justina Ines (1955), José Francisco (1956), Tadeu Ary (1958), Marcelino (1959), Maria de Lourdes (1960), Terezinha (1961), Emilio (1963), Isabel Cristina (1964), Roque Alberto (1965), Rita (1967) e Ricardo Finger (1969).

Ter tido tantos irmãos assim foi uma experiência única, repleta de caos organizado, risadas e aprendizado mútuo. A dinâmica familiar era intensa, mas cheia de companheirismo. O quintal da casa era o palco de muitas aventuras:

partidas de futebol improvisadas, jogos de bolinha de gude e longas conversas ao cair da tarde. Cada irmão tinha sua personalidade, mas todos compartilhavam o mesmo senso de união e cuidado uns com os outros.

Em uma família tão grande, dividir não era apenas necessário, mas natural. Dividiam-se roupas, brinquedos, tarefas domésticas e até mesmo sonhos. Essa convivência me ensinou lições valiosas sobre empatia, paciência e solidariedade. As refeições eram um evento diário cheio de conversas e histórias, enquanto a mãe cuidava para que todos tivessem o suficiente, mesmo em tempos mais difíceis.

Para nós, os irmãos mais velhos, era necessário assumir um papel de guia para os mais novos, criando uma cadeia de apoio e aprendizado constante. Apesar das brigas ocasionais, típicas de qualquer família grande, o respeito era inegociável. O que aprendemos em casa, era levado para fora, construindo amizades duradouras.

Ao refletir sobre minhas origens, percebo que nascer em Flores da Cunha e crescer com minha família foi como começar minha vida em terreno fértil. Cada lição aprendida, cada valor transmitido por meus pais, foi uma semente plantada em mim. Cresci sob preceitos católicos que me ensinaram que a vida não é apenas uma série de eventos, mas uma jornada que precisa de propósito, equilíbrio e fé.

Minha infância não foi marcada por luxos materiais, mas por uma riqueza que dinheiro algum pode comprar: o amor incondicional de uma família e a orientação de pais que me mostraram o caminho a seguir. Hoje, ao olhar para

trás, vejo que cada desafio, cada riso e cada lágrima contribuíram para a construção da pessoa que sou.

Flores da Cunha me deu mais do que um lugar de nascimento; ela me deu raízes. Minhas origens são o ponto de partida de uma jornada que ainda estou escrevendo, com a certeza de que os valores que carrego comigo serão sempre o meu norte.

Minha infância foi vivida no ritmo das descobertas. A casa sempre cheia era, ao mesmo tempo, uma aventura e uma prova de paciência. Lembro que minha mãe conseguia manter tudo sob controle, mesmo com tantos filhos. As casas onde moramos eram sempre cheias de risadas e barulhos de crianças correndo de um lado para o outro.

Nossa primeira residência era simples, com um quintal pequeno, mas repleto de vida. Depois do meu acidente, meu pai decidiu que não podíamos mais morar naquela casa. Então, nos mudamos para uma nova casa, na Av. 25 de Julho. Em 1958, nos mudamos novamente, para a Rua Ernesto Alves (residência dos meus pais até hoje). Em uma das casas da minha infância, havia um campinho de futebol improvisado. Era ali que passávamos as tardes depois da escola, jogando com os amigos do bairro. As traves eram marcadas por pedras, e as regras, inventadas na hora. Não importava — o que contava era a diversão.

Todos os dias, logo após o almoço e no final da tarde, nos reuníamos com os vizinhos e amigos — Vanelli, Soldatelli, Zamboni, Baldissera, Mascarello — e, juntos, criávamos histórias em cada partida. Não importava a hora ou o cli-

ma, sempre havia energia e entusiasmo no ar. Era uma idade onde as baterias costumam durar muito mais. O futebol era mais do que um jogo; era a forma de vivermos nossa amizade e a liberdade que a infância nos oferecia. Esses momentos, com certeza, são algumas das minhas memórias mais queridas, que guardo com nostalgia e carinho até hoje.

E, naquele mesmo campinho, que tantas vezes foi palco das nossas disputas de futebol, uma nova realidade se impôs. Quando o circo chegava à cidade, o local, que antes era nosso campo de jogos, transformava-se em palco para apresentações e shows. Ao invés de nos reunirmos para jogar bola, nos víamos ansiosos para ir ao circo, onde os ingressos eram uma recompensa por termos cedido o nosso espaço de diversão. Durante aquele período, assistíamos as apresentações, fascinados pela magia do circo, que nos fazia esquecer momentaneamente a saudade do futebol. Mais tarde, nossa família se mudou novamente, dessa vez, para uma casa na Rua Ernesto Alves, que até hoje pertence aos Finger.

Íamos à missa todo domingo, sempre acompanhados por meu avô, que nunca deixava de participar das celebrações. Depois da missa, o programa era ir ao cinema ou jogar bilhar com ele no bar da cidade. Era uma rotina simples, mas cheia de significado.

Crescer nessa comunidade me ensinou a importância do respeito e da união. O que já era lema na nossa casa. Sempre havia alguém para dividir uma história, uma tarefa ou um prato de comida. Foi nesse ambiente, familiar, até comum, que minha infância aconteceu, moldando o homem que eu me tornaria.



Meu primeiro ano de idade.



*Primeira Comunhão,
em 1956.*



*No Natal de 1956 com os irmãos
Maria de Fátima, Luiz Antonio
e João Carlos.*



Na coroação de Nossa Senhora, em 1962. Eu sou o segundo ao lado direito, em cima.



Escoteiros no aniversário Ampessan, em 1964. Eu sou o primeiro da escada.



Na lambreta do pai, em 1958, com os irmãos José Francisco, João Carlos e Justina Inês.



Formatura do Colégio São José. Eu, de óculos, em 1964.



Excursão a Porto Alegre do Clube São Luiz, em 1965.



Time de futebol do ginásio São Rafael, em 1968. Eu sou o último agachado.



Time de futebol da escola, em 1965.

O caminho para a contabilidade

Minha vida escolar começou na Escola São José, ali mesmo em Flores da Cunha. Era uma escola simples, com bancos de madeira e paredes impecáveis brancas. A disciplina era levada a sério, especialmente pelas Irmãs que coordenavam a escola. Não havia espaço para brincadeiras durante as aulas — isso ficava para o intervalo, quando corríamos pelo pátio brincando de pega-pega e outras atividades.

Certo dia, subi na janela para ameaçar pular, só para escapar de um castigo. A freira ficou tão assustada que nunca mais tentou me punir. Apesar da ousadia, sempre fui bom aluno, especialmente em matemática, que se tornou minha paixão. A disciplina me fascinava. Enquanto muitos colegas reclamavam das contas, eu as via como desafios a serem resolvidos, quase como um jogo. Meu pai, sendo contador, sempre me dizia: “Se entenderes os números, entenderás o mundo.” Talvez ele tenha plantado essa ideia em mim sem perceber, mas, desde cedo, eu sabia que os números fariam parte do meu futuro.

Depois de concluir o primário, fui para o Ginásio São Rafael. Essa escola marcou uma fase diferente da minha vida. Eu era mais velho e começava a pensar no futuro. Enquanto muitos já sabiam que profissão queriam seguir, eu ainda tinha dúvidas.

O São Rafael também foi o lugar onde formei algumas das amizades mais importantes da minha juventude. Entre as aulas e os intervalos, começamos a sonhar juntos com viagens e aventuras. Uma delas foi nossa viagem de formatura para Porto Alegre. Para muitos de nós, era a primeira vez longe de casa. Visitamos museus, o famoso Mercado Público e até um estádio de futebol. Aquela viagem nos deu um pequeno vislumbre de como era o mundo fora da pequena Flores da Cunha.

Também passei pela Escola Cristovão de Mendoza, em Caxias do Sul, entre 1969 e 1970. Depois, ingressei no Colégio Nossa Senhora do Carmo, onde cursei o Técnico em

Contabilidade, uma escolha que logo se mostraria fundamental para minha carreira. Em 1974, concluí o curso após bastante estudo e dedicação e, em maio de 1975, obtive meu registro no Conselho Regional de Contabilidade do RS (CR-CRS), formalizando meu ingresso na profissão contábil.

Esses anos de estudo, em todos esses colégios, foram fundamentais para moldar quem eu me tornaria. Aprendi não apenas sobre livros e contas, mas também sobre disciplina, perseverança e a sonhar com o futuro.

Embora o caminho sempre me pareceu claro, gosto de pensar que, se eu não tivesse seguido a carreira de contador, certamente teria me dedicado ao jornalismo. Sempre tive uma paixão por fotografias e filmagens, algo que cultivava desde a adolescência.

Com 14 anos, comecei a ajudar o fotógrafo Osvaldo Stein, que vinha de Maravilha, SC, para Flores da Cunha, com seu estúdio fotográfico profissional. Ele me ensinou a tirar fotos e revelar os negativos.

Quando jovem, trabalhei (gratuitamente) registrando momentos especiais, como casamentos em Criúva, Garibaldi e até na Igreja de Flores da Cunha, onde um amigo se casou. A cerimônia durou o dia inteiro, com o baile animado pelo conjunto Magrin, e eu recordo com carinho de como a fotografia foi a minha forma de capturar e eternizar essas memórias.

Também vivi experiências inusitadas na fotografia, como registrar uma corrida de cavalos em Nova Roma, onde um cavalo de Flores, o Maroto, competia contra um

de Caxias. A disputa foi tão apertada que não conseguimos identificar o vencedor antes de revelar as fotos. A diferença entre os dois cavalos foi de apenas 10 centímetros.

Comprei minha primeira filmadora Canon 8mm em 1973 e, depois, uma Super 8 sonora. As filmagens eram feitas em filmes de apenas 6 minutos, e eu tinha que mandar revelá-los em São Paulo. Também filmei eventos como a Festa da Vindima, Procissão de Corpus Christi e jogos de futebol, incluindo alguns jogos do Inter em Porto Alegre.

Comecei a trabalhar cedo. Em uma casa com 15 irmãos, o trabalho era parte da rotina, uma necessidade para todos contribuírem de alguma forma. Meu primeiro emprego foi como empalhador de garrações de vinho para uma família amiga, os Vanelli. Eu era apenas um adolescente, mas já entendia o valor de cada centavo que ganhava. Lembro-me de como minhas mãos ficavam vermelhas e ásperas depois de um dia inteiro de trabalho, mas a sensação de ajudar em casa compensava qualquer desconforto.

Depois disso, tive a chance de trabalhar na fábrica de móveis de um tio. Lá, aprendi o que era o esforço físico. O trabalho com madeira exigia precisão, força e paciência.

Meu pai acabou me levando para o escritório de contabilidade da família quando eu tinha 16 anos. Foi ali que tive meu primeiro contato com o mundo da contabilidade. No começo, minha tarefa era simples: organizar papéis, preencher formulários e fazer cálculos básicos. Tudo era feito à mão, com canetas, carbonos e máquinas de somar. Não havia computadores, apenas grandes livros-caixa, onde cada

valor era registrado com precisão. Aos poucos, fui aprendendo a dinâmica do trabalho e, sem perceber, comecei a gostar daquele ambiente.

Enquanto trabalhava no escritório, também consegui uma vaga no Banrisul, em 1970. Minha rotina ficou bastante intensa, pois de manhã eu estava no escritório e, à tarde, das 12h30 às 18h30, no banco. Foram anos de esforço conciliando essas duas atividades, o que me ensinou muito sobre organização e disciplina. No entanto, em 23 de abril de 1973, tomei a decisão de focar exclusivamente no escritório, sentindo que era o momento de dedicar minha energia ao negócio que estava crescendo e se consolidando.

Um amor chamado Sonia

Foi no dia 28 de novembro de 1970 que minha vida mudou de uma forma que eu nunca poderia imaginar. Ainda não era um encontro marcado, mas tenho na memória o dia e horário: 16h25. Eu estava em frente à loja Mascarello, na praça de Flores, quando, do outro lado da rua, vi uma linda moça loira caminhando junto com uma amiga. Naquele instante, meus olhos se fixaram nela e não pude deixar de comentar com meu amigo Lisinho, do mercado: “Olha só que moça linda!” Quando o relógio marcou 17h, percebi que elas embarcaram no ônibus que seguia para Otávio Rocha. Aquele breve encontro ficou guardado como o início de uma história que, aos poucos, iria se desenrolar de maneira

inesperada. Naquela noite, a sensação de algo novo e mágico estava no ar. Como imaginei que elas estariam indo para Otávio Rocha para participar do baile daquela noite, decidi pedir o carro do meu pai e ir para lá. Quem me acompanhou foi meu amigo Souza, filho do gerente do Banrisul.

Ao chegar lá, a linda moça loira realmente estava no baile. Mas, para minha decepção, ela dançava com meu amigo José Conti. O impulso foi imediato: sem pensar muito, fiz um sinal para ela largar a dança com ele. No final daquela música, ela se afastou e foi então que a oportunidade surgiu. Fui até ela, pedi para dançar e, para minha alegria, ela aceitou. Descobri que o nome dela era Sonia Cemin e que ela morava em Caxias do Sul, com os pais. Conversamos, dançamos, rimos — a noite foi se desenrolando de uma forma tão natural, como se já nos conhecêssemos.

No final do baile, eu, encantado pela companhia, ofereci uma carona para ela e sua amiga, que morava em Otávio Rocha. Elas decidiram ir a pé, e eu, atrás delas, segui de carro, com a sensação de que aquele momento marcaria o começo de algo muito especial.

Eu sabia que, no dia seguinte, ela estaria em um jogo de futebol em Flores, no estádio municipal, para assistir ao time de Otávio Rocha. É claro que eu tinha que encontrá-la. Lá, conversamos novamente e eu perguntei qual era o seu endereço. Ela me passou sua rua e número de casa em Caxias, talvez sem acreditar que eu realmente apareceria para visitá-la. Mas, uma semana depois, lá es-

tava eu, na porta da casa dela. A surpresa em seu rosto foi evidente, mas logo nos sentamos na sacada e conversamos por horas.

No final daquele ano, no dia 31 de dezembro, fomos a um baile em Otávio Rocha e foi nesse momento que começamos a namorar oficialmente. Os pais dela estavam junto naquele baile, porque ela era ainda muito jovem.

Em 27 de março de 1971, Sonia completou 15 anos, e sua festa foi no Clube Reno, em Caxias. Porém, um fato (hoje engraçado) quase acabou com nosso namoro. Na sexta-feira anterior, eu havia comprado um cartão de aniversário na livraria ao lado do escritório, onde escrevi uma mensagem de amor e carinho para ela e coloquei no envelope junto ao presente. No entanto, meu colega Aldino resolveu fazer uma brincadeira: abriu o envelope e colocou um bilhete escrito à máquina dizendo que eu não iria ao aniversário porque eu já era noivo de outra pessoa. Sem desconfiar de nada, no sábado, deixei o presente com o cartão na casa dela e combinamos de nos encontrar à noite.

No Clube, percebi que ela estava fria e distante e achei aquilo muito estranho. No dia seguinte, ela me mostrou o bilhete e, ao entender o que tinha acontecido, expliquei que, provavelmente, tinha sido uma brincadeira de alguém do escritório, que meu coração não pertencia a mais ninguém. Ela riu e me abraçou.

Namoramos por sete anos. Nesse período, como eu estava em Flores e ela em Caxias, eu a visitava aos finais

de semana. As normas da época não permitiam que eu ficasse na casa da namorada, então eu dormia na residência do meu avô.

Nos sábados à noite, eu e Sonia sempre fazíamos algo: íamos jantar no Imperador e depois, na casa dela, jogávamos cartas até tarde. Alguns finais de semana, viajávamos para Porto Alegre com o primo dela, de quem eu fiquei amigo. Lá, assistíamos aos jogos de futebol e passeávamos pela Capital.

Decidi pedi-la em noivado em um restaurante que ficava entre Caxias e Farroupilha, que tinha uma vista incrível, situado próximo às corridas de cavalo, um ambiente que estava sempre cheio de energia e animação. Foi naquele cenário que, com uma aliança na mão, fiz o pedido mais importante da minha vida. Ela aceitou.

Nos casamos em 15 de janeiro de 1977, na Igreja dos Capuchinhos, em Caxias, terra de Sonia. A cerimônia foi simples e marcante, e a festa, embora sem música, foi realizada no salão paroquial em Flores da Cunha, minha cidade. Era uma celebração composta por pessoas que tinham um significado muito especial para nós. Eu fiz questão de convidar representantes de todas as empresas com as quais trabalhava na área de contabilidade, porque sabia que aquele era um momento importante e queria compartilhá-lo com aqueles que, de alguma forma, faziam parte da minha vida e da minha trajetória profissional. Ao todo, foram convidadas 600 pessoas.

A lua de mel foi, sem dúvida, uma experiência memorável. Começamos a viagem em Ana Rech, onde passamos

a primeira noite em um pequeno hotel. No dia seguinte, partimos de carro rumo a Santa Catarina, no carro que eu já tinha na época, um Corcel. A sensação de liberdade, de estarmos juntos em uma nova jornada, foi indescritível. Cada quilômetro percorrido representava um passo a mais na construção da nossa história, que estava só começando. Esses momentos iniciais de casamento, com suas viagens, risadas e descobertas, definiram o tom de tudo o que viria a seguir em nossas vidas.



Aniversário de 15 anos de Sonia, no Clube Reno, em Caxias.



Nós em um baile em Otávio Rocha, em 1971.



Nossa família reunida no aniversário de 25 anos de casamento dos meus pais, em 1972.



Eu e Sonia, em 1975.

Grandes mudanças

Com Sonia ao meu lado, assumi um novo papel, não só como marido, mas também como responsável pelo escritório de contabilidade da família. Esse novo capítulo trouxe uma série de novos fatores na equação da minha vida. Além de construir nossa vida a dois, tive que aprender a equilibrar as demandas do escritório com as necessidades da nossa casa e o cuidado com a nossa relação. Cada dia era uma nova lição sobre gestão, responsabilidade e parceria.

Com Sonia, vi que o sucesso não se tratava apenas de números e registros, mas de construir uma base sólida de confiança, amor e respeito mútuo, algo que se refletiria em todas as áreas da minha vida.

Assumir responsabilidades no escritório de contabilidade da família foi como herdar um pequeno império de números e histórias. Quando comecei a trabalhar lá, tudo ainda era muito rudimentar. Eram tempos de carbono azul, livros-caixa de capa dura e máquinas de somar com manivelas barulhentas. Meu pai, que tinha um conhecimento imenso e um respeito enorme pela profissão, me ensinou que cada folha de papel que passava por nossas mãos representava a confiança de uma empresa, um negócio ou uma família. Aquilo não era só contabilidade — era compromisso.

Na época, Flores da Cunha ainda estava em pleno crescimento. A cidade, fundada em 1924, era uma das principais produtoras de vinho da Serra Gaúcha, o que trazia muitos desafios aos contadores. As pequenas vinícolas familiares

eram nossa principal clientela. Não era incomum atender clientes que traziam seus documentos em caixas de sapato, com anotações feitas em cadernos de espiral. Cada recibo e nota fiscal era tratado com cuidado, pois sabíamos que, por trás deles, estavam histórias de suor e dedicação.

Eu havia assumido a gestão do escritório oficialmente em 1973, após a aposentadoria do meu pai. Foi um grande desafio. O mercado estava mudando, e a burocracia exigia que estivéssemos sempre atentos às novas regulamentações. Ainda assim, mantivemos nossa base de clientes. O boca a boca era a melhor propaganda, e meu pai sempre dizia que um cliente satisfeito vale mais que qualquer anúncio.

Hoje, com 70 anos de história, nosso escritório contábil é mais do que um negócio; é parte crucial em minha vida e da comunidade que ajudamos a construir. Essa longa trajetória reflete o compromisso que sempre tivemos com a qualidade, a ética e a dedicação aos nossos clientes. Ao longo das décadas, enfrentamos mudanças econômicas e legislativas, mas nos mantivemos firmes, adaptando-nos e crescendo junto com aqueles que confiam no nosso trabalho. Orgulho-me de estar ainda liderando, ao lado dos meus sócios, um escritório que atravessa gerações, contribui para o desenvolvimento das empresas e fortalece os laços com nossa região.

Enquanto minha vida profissional avançava, a cidade de Flores da Cunha também passava por transformações marcantes. Fundada por imigrantes italianos, a cidade preservava seu espírito de trabalho e comunidade. No centro, as ruas de paralelepípedos eram ladeadas por casarões de

estilo colonial, com suas sacadas de ferro e jardins bem cuidados. O sino da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Lourdes marcava as horas, enquanto o comércio local prosperava com pequenas padarias, armazéns, lojas de tecidos e uma banca de revistas.

Nos anos 1970, Flores da Cunha começou a ganhar notoriedade como um dos maiores produtores de vinho do Brasil. A Festa Nacional da Vindima, ou Fenavindima, era o grande evento da cidade, reunindo turistas de várias partes do país.

A cidade também era conhecida por suas tradições religiosas. Todo domingo, minha família e eu íamos à missa na Igreja Matriz, uma construção imponente, com vitrais coloridos que refletiam a luz do sol dentro do templo. Flores da Cunha era — e ainda é — uma cidade que valoriza a comunidade e as relações humanas.

Foi essa a cidade que eu e Sonia escolhemos para seguir nossa vida juntos.

Casar com Sonia foi como iniciar um novo capítulo da minha vida, com a certeza de que teria ao meu lado uma companheira leal.

Depois do casamento, começamos nossa vida juntos na casa da avenida 25 de Julho, onde ficava o escritório do meu pai. Ali, em meio ao ambiente de trabalho, nossa vida começou a tomar forma. A casa da Avenida 25 de Julho, que eu já conhecia bem, passou a ter um novo significado após nosso casamento. Sonia trouxe consigo uma luz nova, uma energia transformadora. Ela, com sua alegria, organi-

zação e cuidado, fez da casa não apenas um lar, mas um verdadeiro refúgio onde começamos a construir nossos sonhos. Mais tarde, em 1986, adquirimos nossa primeira casa própria, o lugar onde vivemos até hoje.

Com o casamento, veio a realização de um dos maiores sonhos da minha vida: formar uma família. Sonia e eu tivemos três filhos, cada um com sua própria personalidade e talento diferente, mas todos nos enchendo de orgulho com suas vidas. Eduardo, nosso primogênito, nasceu em 1981, seguido por Henrique, em 1984, e Felipe, em 1989. Cada nascimento foi uma celebração, um momento de alegria e renovação.

Lembro-me de como Eduardo era curioso desde pequeno. Ele desmontava brinquedos para entender como funcionavam e era muito ativo. Henrique sempre foi mais reservado, com uma sensibilidade única para lidar com as pessoas. Felipe, nosso caçula, era criativo, sempre inventando histórias e jogos. Criar os três foi um desafio e uma bênção, mas, acima de tudo, foi uma oportunidade de transmitir a eles os valores que recebi dos meus pais.

Quando os meninos eram pequenos, as noites em nossa casa eram agitadas, com risadas, correrias e gritos de criança. Mas sempre terminávamos o dia com um momento de união, seja em volta da mesa de jantar ou rezando juntos antes de dormir. Os três sempre foram muito companheiros. A nossa época do ano favorita, certamente, era durante as férias, quando íamos todos juntos para a praia.

Sonia era a cola que mantinha tudo funcionando em nossa casa, o ponto de equilíbrio que tornava o caos adminis-

trável e a rotina harmoniosa. Sua paciência parecia infinita, e seu amor inabalável era — e ainda é — o coração pulsante da nossa família. Esse dom natural revelava também as marcas de uma vida dedicada ao ensino. Sonia foi professora por décadas, e, ao longo de sua carreira, moldou não apenas mentes, mas corações. Era evidente que sua vocação não ficava restrita às salas de aula; ela trouxe para o lar o mesmo cuidado, sabedoria e paciência com que guiava seus alunos.

Enquanto nossa família crescia, minha vida profissional continuava a evoluir. O escritório de contabilidade se tornou mais do que um trabalho; era uma extensão de quem eu era. A contabilidade, para mim, nunca foi apenas números. Era entender as histórias por trás de cada empresa, de cada cliente. Havia algo profundamente humano em ajudar negócios a prosperarem, especialmente em uma cidade como Flores da Cunha, onde muitos dos meus clientes eram amigos de longa data.

Nos anos 1990, as mudanças na legislação tributária trouxeram novos desafios. Era preciso estar sempre atualizado, estudando e se adaptando. Passei incontáveis noites lendo sobre novas regras e regulamentos, garantindo que nossos clientes estivessem sempre em conformidade. O trabalho exigia dedicação, mas também trazia muitas recompensas. Nada era mais gratificante do que ver uma empresa crescer e saber que, de alguma forma, eu contribuí para aquele sucesso.

Um dos momentos mais marcantes foi quando começamos a digitalizar os processos no escritório. Investimos

em novos computadores e sistemas, algo que parecia assustador no início, mas que logo se tornou indispensável. A transição não foi fácil — havia uma curva de aprendizado para todos nós —, mas, com o tempo, percebi o quanto isso nos tornava mais eficientes e preparados para o futuro.

Minha dedicação à comunidade sempre foi uma extensão dos valores que aprendi em casa. Flores da Cunha era mais do que o lugar onde eu vivia; era parte de quem eu era. Foi isso que me motivou a participar ativamente de iniciativas como a APAE, onde trabalhei ao lado de outros voluntários para apoiar crianças e famílias com necessidades especiais.

O Lions Clube também foi uma parte importante da minha vida comunitária. As reuniões eram um espaço para discutir projetos e pensar em formas de ajudar a cidade. Participar dessas atividades me ensinou o valor do trabalho em equipe e a importância de retribuir.

Além disso, a igreja sempre teve um papel central na minha vida. Desde pequeno, minha mãe me ensinou que a fé não era apenas uma prática religiosa, mas uma forma de viver. O movimento cursilista foi uma experiência transformadora. Ele me ajudou a aprofundar minha espiritualidade e a entender o papel que eu poderia desempenhar na vida das pessoas ao meu redor.

Esses eventos não eram apenas festas; eram um reflexo da história e da alma de Flores da Cunha. Eles mostravam como a cidade preservava suas raízes enquanto abraçava o futuro.



Nosso casamento, em 1977.



Com meus pais e os pais de Sonia.



Minha família, meus pais e meus irmãos no nosso casamento.



Família Finger, do meu pai.



Em 1977, com o jogador do Vasco e Seleção Brasileira, Roberto Dinamite.



Família Mambrini, da minha mãe.



Eu e Sonia em um casamento, em 1978.



Jantar com colegas do Banrisul, em 1971.



Com os filhos Eduardo e Felipe, em 1986.



Com o filho Eduardo, na Páscoa, em 1983.



Eu e Sonia com os três filhos, em Torres, no Natal de 1989.



*Com o filho Felipe,
em Torres, em 1990.*



Nossa família, em 1990.



Com os filhos, na praia, em 1992.

Política e outras atividades

Minha entrada na política foi uma decisão construída com o tempo e motivada pelo desejo de contribuir de maneira ainda mais ativa para o desenvolvimento de Flores da Cunha. Em 1997, decidi me candidatar a vereador. Não era uma escolha fácil – a política exige tempo, dedicação e, muitas vezes, sacrifícios pessoais. Mas eu sentia que minha experiência na contabilidade, trabalhando diretamente com empresas e famílias, havia me dado uma compreensão úni-

ca das necessidades da nossa comunidade. Como vereador, trabalhei em projetos voltados para o desenvolvimento da cidade, sempre buscando manter nossas tradições enquanto abraçávamos o progresso. Um dos momentos mais marcantes foi a conquista do terreno para o Grupo Escoteiro Alberto Mattioni, uma iniciativa que incentivava os jovens a desenvolverem valores como cidadania e liderança.

Além disso, fui presidente da Câmara de Vereadores em dois períodos, uma função que exigiu muito de mim, mas que também me deu a oportunidade de representar Flores da Cunha em eventos e decisões importantes. Em um desses momentos, cheguei a assumir como prefeito interino, uma experiência que me fez compreender ainda mais a complexidade da administração pública.

Minha campanha foi simples e baseada no diálogo. Andava de casa em casa, conversando com os moradores, ouvindo suas demandas e apresentando minhas ideias. Não havia grandes orçamentos ou promessas exageradas. O que oferecia era a honestidade e o compromisso de trabalhar para o bem de todos.

Fui eleito e assumi meu primeiro mandato com uma mistura de entusiasmo e humildade. Como vereador, meu foco sempre foi buscar soluções práticas para os problemas da cidade. Em um dos meus primeiros projetos, consegui viabilizar melhorias no transporte escolar para comunidades rurais, algo que muitos pais vinham pedindo há anos. Era gratificante ver como mudanças aparentemente pequenas podiam ter um impacto tão grande na vida das pessoas.

Ser vereador já era um grande desafio, mas assumir a presidência da Câmara de Vereadores foi uma experiência transformadora. Tive a honra de ocupar o cargo em dois períodos durante meus mandatos e cada um trouxe lições valiosas sobre liderança, negociação e perseverança.

Como presidente, uma das minhas principais responsabilidades era mediar debates e garantir que as decisões fossem tomadas de forma justa e transparente. Flores da Cunha, naquela época, enfrentava desafios relacionados ao crescimento urbano e à preservação de sua identidade rural. A questão do zoneamento urbano foi uma das pautas mais delicadas que enfrentamos. Havia quem quisesse expandir a área urbana rapidamente, enquanto outros defendiam a proteção das áreas agrícolas. Meu papel era ouvir todos os lados e buscar um equilíbrio que atendesse ao interesse coletivo.

Um dos momentos mais marcantes foi quando assumi interinamente como prefeito. Foi uma curta passagem, mas intensa. Lembro-me de como cada decisão parecia carregar um peso maior, pois sabia que, mesmo por pouco tempo, eu era o responsável direto pelo bem-estar da cidade. Essa experiência me deu ainda mais respeito pelos desafios da administração pública.

Paralelamente à política, meu trabalho em obras sociais sempre foi uma prioridade. Acredito que servir à comunidade vai além de legislar — é sobre estar presente, ouvir e agir.

Fazer parte do Centro Empresarial de Flores da Cunha (CEFC) desde sua fundação, em 1991, até hoje, é muito gratificante. Participar de uma instituição que representa as for-

ças produtivas do município, promove a integração setorial e fortalece a livre iniciativa é algo que enriquece não apenas a comunidade empresarial, mas também a cidade como um todo. Através dessa colaboração, tive a oportunidade de contribuir para iniciativas que impulsionaram a competitividade local, estimularam o desenvolvimento sustentável e reforçaram a parceria entre o setor privado e o poder público. Além dos resultados concretos para a economia regional, essa vivência me proporcionou parcerias valiosas, amizades duradouras e a satisfação de ver nossa cidade crescer de forma mais integrada e próspera, através do associativismo.

Meu envolvimento com a APAE foi uma experiência enriquecedora. A associação atende crianças e jovens com necessidades especiais, oferecendo a eles oportunidades de aprendizado e desenvolvimento. Trabalhar ao lado de outros voluntários para melhorar a estrutura e os serviços da APAE sempre foi recompensado pelos sorrisos dos jovens e palavras de agradecimento dos pais, lembretes do quanto nosso trabalho fazia a diferença.

No Lions Clube, participei de inúmeras campanhas, desde arrecadação de alimentos para famílias carentes até a organização de exames oftalmológicos gratuitos.

A igreja desempenhou um papel essencial na construção do meu compromisso social, servindo como um alicerce para minha trajetória de fé e engajamento. Em especial, o movimento cursilista foi uma experiência transformadora, que me ensinou que a fé não é apenas um sentimento ou uma prática individual, mas uma força viva que se ma-

nifesta em ações concretas em prol do próximo. Os momentos de reflexão e os encontros promovidos pelo cursilho me ofereceram a oportunidade de amadurecer espiritualmente, aprofundando minha relação com Deus e fortalecendo minha consciência sobre o impacto que posso ter na sociedade. Esse movimento me inspirou a enxergar a fé como um chamado para atuar de forma responsável e comprometida com a construção de um mundo mais justo e fraterno.

Entre os projetos que mais me orgulham, está a conquista do terreno para o Grupo Escoteiro Alberto Mattioni. Quando era jovem, o escotismo foi uma parte importante da minha formação. Ele me ensinou lições de disciplina, respeito à natureza e trabalho em equipe — valores que levo até hoje. Meus filhos também foram escoteiros, pois os incentivei. Por isso, quando surgiu a oportunidade de ajudar o grupo a ter um espaço próprio, fiz questão de me envolver.

Conseguir o terreno foi um processo longo, que envolveu negociações, ajustes no orçamento e muita paciência. Mas, no final, conseguimos. O espaço foi adquirido, e o grupo pôde finalmente construir sua sede. Saber que contribuí para que jovens da nossa comunidade tivessem acesso ao mesmo tipo de aprendizado que eu tive foi uma grande recompensa.

Outro projeto significativo foi a ampliação do Hospital Nossa Senhora de Fátima. A saúde sempre foi uma das principais preocupações dos moradores de Flores da Cunha, especialmente para quem vivia em áreas rurais e tinha dificuldade de acesso aos serviços médicos. Traba-

Ihei em parceria com outros vereadores e entidades locais para viabilizar recursos que permitiram a compra de novos equipamentos e a reforma de algumas alas do hospital.

Olhar para minha trajetória na política e nas obras sociais me traz um sentimento de gratidão. Cada momento foi uma oportunidade de aprendizado e crescimento. Aprendi que o serviço público exige paciência, resiliência e, acima de tudo, empatia. É preciso saber ouvir, entender as necessidades dos outros e buscar soluções que nem sempre agradam a todos, mas que são o melhor para a maioria. Foi esse senso de dever que me guiou em cada decisão, desde as mais simples até as mais complexas.

Se há algo que posso deixar como legado, é a mensagem de que o verdadeiro poder não está em um cargo ou em uma posição, mas na capacidade de fazer a diferença na vida das pessoas. Isso é o que realmente importa.



Audiência da Secretaria da Educação com Leonidas Ribas para a construção do ginásio de esportes São Rafael. Eu, de barba.



Recebendo o presidente João Batista Figueiredo em 1982, na Festa da Vindima. Eu era o Tesoureiro da Festa.



Assumindo como prefeito por 20 dias, em 1999.



Foto para campanha de vereador, em 2000.



Na festa de 50 anos do Lions Clube, em 2000. Eu como presidente da Câmara de Vereadores.



Visita ao Conselho Federal de Contabilidade em Brasília, como Delegado dos Contadores, em 2002.

Uma nova fase

Ao mesmo tempo em que minhas trajetórias políticas e sociais ganhavam forma, o escritório de contabilidade continuava sendo o pilar central da minha vida profissional. Era ali que eu passava boa parte dos meus dias (e ainda passo), rodeado por livros-caixa, balancetes e números que contam histórias de famílias e negócios.

A história do escritório contábil é marcada por uma trajetória de crescimento, parcerias e evolução ao longo das décadas. Desde sua fundação, em 1953, até as transformações que refletiram novas alianças e objetivos, cada mudança de nome simboliza um capítulo importante no desenvolvimento da empresa e na consolidação de sua presença no mercado.

No início (1967 - 1990), chamava-se Escritório Contábil Finger e Francescato; Depois, (1990 - 1991), Escritório Finger e Carpeggiani, e, mais tarde (1991 até hoje), Escritório Finger Carpeggiani e Marini.

Nos anos 2000, Flores da Cunha passou por uma grande transformação. A cidade, que havia sido fundada como Nova Trento e depois rebatizada em homenagem ao governador José Antônio Flores da Cunha, começou a se destacar nacionalmente como a maior produtora de vinhos do Brasil. As vinícolas locais estavam conquistando prêmios e reconhecimento.

A Fenavindima, que já era um marco cultural, tornou-se um evento ainda mais grandioso, atraindo turistas de

todo o país. As ruas da cidade se enchiam de cores, com desfiles de carros alegóricos carregados de uvas e grupos vestidos com trajes típicos italianos. Eu fazia questão de levar minha família para participar. Ver os rostos das pessoas, cheios de orgulho pela nossa cultura, era inspirador.

Ao mesmo tempo, o crescimento urbano trouxe novos desafios. Flores da Cunha precisava equilibrar a modernização com a preservação de suas tradições. Como contador, eu via isso de perto, ajudando empresas locais a se adaptarem às mudanças enquanto mantinham sua essência. Como cidadão, sentia o orgulho de ver minha cidade prosperar sem perder suas raízes.

Enquanto a cidade e minha carreira continuavam a evoluir, minha família permanecia como o alicerce de tudo. Sonia, com sua dedicação e carinho, era a alma do nosso lar. Nossos filhos, Eduardo, Henrique e Felipe, começaram a trilhar seus próprios caminhos, cada um com suas aspirações.

Eduardo, nosso primogênito, decidiu explorar o mundo, eventualmente se estabelecendo na Austrália. Lembro-me de como foi difícil deixá-lo partir, mas também de como fiquei orgulhoso ao ver sua coragem em buscar novas oportunidades. Henrique seguiu meus passos na contabilidade, assumindo um papel importante no escritório da família após uma pós-graduação em contabilidade, o que não só ampliou seus conhecimentos, mas também trouxe uma visão renovada para a profissão. Já Felipe, com sua criatividade e olhar para o design, escolheu a arquitetura como carreira.

A chegada dos netos foi um presente que renovou nossa casa. Benjamin (nascido em 2016), com sua energia e curiosidade, trouxe uma nova luz às nossas vidas. Depois veio Maria Isabel (nascida em 2023) e, mais uma vez, experimentamos a alegria de ver a família crescer. Os dois são filhos de Felipe e de nossa nora, Bruna. Ser avô é um papel diferente, mais leve, mas cheio de amor.

Hoje, ao olhar para tudo o que vivi, percebo que a maior riqueza da minha vida sempre foi minha família. Sonia e eu criamos um lar cheio de amor e valores e, agora, temos a alegria de ver isso refletido em nossos filhos e netos. O nascimento de Benjamin e Maria Isabel foi um dos melhores momentos da minha vida.

Hoje, cada visita dos netos é uma festa. Eles enchem a casa de alegria e, ao vê-los brincar, sinto uma conexão direta com minha própria infância. É como se o ciclo da vida continuasse, trazendo novas oportunidades de amor e aprendizado.

Também já tive a oportunidade de viajar com eles, o que é sempre uma aventura. Ao longo da nossa vida em família, desde que os filhos eram pequenos, as viagens sempre foram marcantes. Passamos momentos inesquecíveis em Torres, Areias Brancas, Curumin e Rainha do Mar, onde sempre pudemos encontrar a tranquilidade. Florianópolis e Garopaba também foram destinos queridos para a família, além de Foz do Iguaçu, que foi outra viagem que fizemos diversas vezes. Também visitamos Curitiba, São Paulo, Vitória, Nordeste brasileiro e Punta del Este. Cada lugar trouxe uma riqueza cultural única.

Um passeio muito marcante foi a Itália, em 2023, onde tivemos o privilégio de acompanhar o casamento do nosso filho Eduardo com a nora Iلسinha. Foi um momento de pura emoção, com toda a família estava reunida: meus filhos, minhas noras – Iلسinha, Bruna e Ana Elisa – e meus netos, Benjamin e Maria Isabel.



Festa da Família Finger, em Flores da Cunha, em 2004.



Nós cinco, em 2007.



Nossos filhos, em 2014, na formatura do Felipe, em Arquitetura. Eduardo se formou em Administração, e Henrique, em Ciências Contábeis.



Visitando Eduardo e a nora Iلسinha em Sydney, na Austrália, em 2018.



Família no casamento do filho Eduardo.



Em Ceglie Messapica, na Itália, em 2023.



Com o neto Benjamin, em 2023.



Dias dos Pais, em 2023, com Sonia, Henrique, Felipe, a nora Bruna e os netos.



Em Roma, em 2023, com Benjamin.



Eu e Sonia com os netos.



Com a neta Maria Isabel, em 2024, no primeiro ano dela.



Passeando por Londres, em 2007. Eu, com a camisa do meu time do coração.



Em Amsterdã, 2007.



Em uma viagem a Paris, em 2007.



Em 2012, em Sydney, onde mora o filho mais velho.



Viagem da equipe do escritório para Garibaldi e Carlos Barbosa, em 2014.



Passeando pela Ilha Capri.



Com Sonia, no Vaticano, em 2023.

Meu legado

Ao olhar pela janela da minha casa, vejo as ruas que caminhei por décadas. As pedras de paralelepípedo, as árvores que se inclinam com o vento, e o céu - sempre tão generoso em tons de azul - trazem à tona memórias de uma vida vivida com certa intensidade e propósito. Flores da Cunha é minha raiz, minha terra, o lugar que moldou cada pedaço do homem que sou hoje.

Penso no início, naquele dia em que, aos dois anos, caí de uma janela e quase não sobrevivi. Naquela época, sem a medicina moderna que temos hoje, minha vida dependia da resistência de um corpo pequeno e da fé de uma mãe que fez de tudo para que eu chegasse ao hospital. Esse episódio me ensinou que a vida é um presente frágil, algo que deve ser cuidado e valorizado. Talvez, por isso, sempre senti a urgência de aproveitar o tempo, de fazer valer os dias, de transformar cada oportunidade em algo significativo.

Desde pequeno, aprendi que a vida não se constrói sozinho. É na união, no trabalho em conjunto e no respeito que encontramos nosso lugar no mundo. Foi esse aprendizado que levei comigo para o escritório, para a política e para a comunidade. A grandeza da minha infância simples sempre foi a riqueza das relações que construímos uns com os outros.

Ao longo dos anos, me envolvi em muitos projetos. Assumir o escritório de contabilidade da família foi o primeiro grande desafio. Modernizá-lo, mantê-lo relevante e criar laços de confiança com os clientes foi uma missão que abracei

com todo o meu coração. Cada balanço fechado, cada empresa que ajudamos a crescer, foi mais do que trabalho — foi parte da minha história. Depois, veio a política, um caminho que percorri com o desejo sincero de contribuir para o desenvolvimento de Flores da Cunha. Ser vereador, presidente da Câmara e até prefeito interino foram responsabilidades que me ensinaram muito sobre ouvir, negociar e servir.

Mas, de todas as realizações, a maior está em casa. Sonia sempre foi meu ponto de equilíbrio em cada decisão. Nossos filhos, Eduardo, Henrique e Felipe, são meu maior legado. Cada um seguiu seu próprio caminho, mas carregam os valores que transmitimos: ética, dedicação e respeito. Agradeço a Deus por ter colocado em nosso caminho três noras — Iلسinha, Bruna e Ana Elisa —, que considero como filhas e que trouxeram um novo brilho à família, com beleza, alegria e amorosidade. E agora, com Benjamin e Maria Isabel, nossos netos, sinto que a história continua. Eles trazem a energia e a inocência que nos fazem lembrar que o futuro é cheio de possibilidades.

Tenho planos para o que ainda está por vir. Viajar com Sonia para visitar Eduardo na Austrália novamente é um deles. Quero explorar novos lugares, ouvir novas histórias e, quem sabe, trazer de volta algo que enriqueça ainda mais a nossa vida aqui. Mas também quero continuar aproveitando a simplicidade da minha cidade, onde possuo experiências tão valiosas quanto qualquer grande viagem. Em Flores, tenho uma querida turma de amigos que encontro todos os dias de manhã cedo para um café em um bar.

Quando não estou no escritório, gosto de aproveitar o tempo livre na chácara da família, em Flores da Cunha. Cuidar das frutas e da minha horta, onde planto alfaces e outras hortaliças, é uma forma de me conectar com a natureza e recarregar as energias. Outra paixão que me acompanha é o futebol. Sempre que posso, vou assistir aos jogos em Caxias do Sul, seja do Juventude ou do Caxias. Apesar de ser torcedor de coração do Caxias, tenho um carinho especial pelo Juventude, onde meu irmão Ricardo trabalha como fisioterapeuta. Esses momentos, seja no campo ou na chácara, são parte do que me traz equilíbrio e alegria no dia a dia.

Conservo comigo um hobby herdado do meu pai: a coleção de selos. Todo mês, eu ia ao correio para retirar selos para ele e, com o tempo, dei continuidade à coleção, que hoje conta com mais de 10 mil selos. Cada um deles tem uma história e um significado, como as memórias que foram sendo construídas ao longo da vida.

Meu legado, penso, não está em monumentos ou em conquistas grandiosas. Está nos vínculos que criei, nas vidas que toquei e nos valores que passei adiante. Está na ética que sempre guiei meu trabalho, na honestidade que herdei do meu pai e na fé resiliente que minha mãe me ensinou. Se eu pudesse deixar um conselho, seria este: viva com propósito, cuide dos seus e encontre beleza na simplicidade do dia a dia. O saldo da vida não está no que acumulamos, mas no que construímos nos corações de quem amamos.

Hoje, enquanto escrevo este livro (final de 2024), aos 73 anos, não tenho grandes arrependimentos. Até agora, vivi

uma vida cheia, com desafios e vitórias, risos e lágrimas, mas sempre com a certeza de que estava em um bom caminho. E, quando olho para frente, vejo não o fim, mas novos capítulos esperando para serem escritos, novas histórias para serem contadas.

Cada dia vivido é um presente. E, como qualquer presente, sou grato. Grato por ter vivido, por ter amado, por ter contribuído, por ter contabilizado. E por, felizmente, ainda ter tanto a viver.



Com Sonia, em um baile no Clube Independente, em 2000.



Amigos do Bar do Susin, em 2004: Silvio, Mauro, Susin, Alemão, Picoli e eu.



Em Munich, em 2007. É preciso saber aproveitar a vida.



Com minha esposa, em 2015. Sempre juntos.

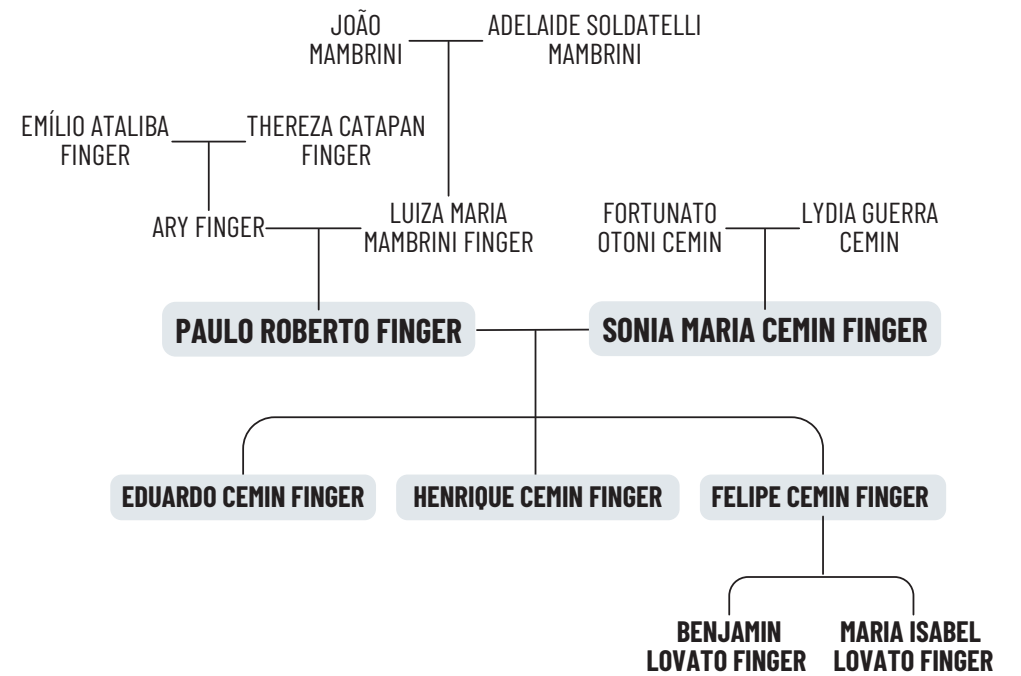


Batizado da neta Maria Isabel, em 2023.



Visita surpresa do filho Eduardo, em 2024.

Árvore Genealógica



Depoimentos

Sonia, esposa

“Era dia 28 de novembro de 1970 quando vi, pela primeira vez, um jovem florense por quem logo me apaixonei. O que eu não sabia, na época, é que era uma pessoa tão especial!

Desde sempre, foi verdadeiro e espontâneo, vivendo com intensidade e simplicidade, valorizando as pequenas coisas da vida. Profissional apaixonado pelo que faz, pai amoroso, atencioso, respeitoso e cuidadoso, assim como também é tratado pelos nossos 3 amados filhos. Homem de fé e oração, desapegado de si e amoroso com todos, positivo e cauteloso, sempre pronto a colaborar. A solidariedade é a sua grande marca.

Mas o Betinho não é perfeito, é claro, ninguém é! Tem as suas manias e teimosias, que são muito bem superadas por todas as qualidades que tem. Ele é o amor da minha vida, que nos pequenos gestos ganhou o meu coração e que vai se tornando cada vez mais amoroso, cuidadoso, companheiro e amigo, sempre agradável e parceiro. Sou eternamente grata a Deus pelo privilégio de tê-lo conhecido, compartilhado a minha vida e formado a nossa família. Juntos somos fortes, felizes e abençoados por Deus, que nos concede essa linda jornada chamada vida”.

Eduardo, filho

“Meu pai sempre foi a base da nossa família, um exemplo constante de honestidade, dedicação e fé. Desde pequeno, aprendi com ele o verdadeiro significado de colocar a família em primeiro lugar e de viver com integridade. Ele nos ensinou que a felicidade genuína vem de fazer o que é certo, mesmo quando isso exige sacrifícios.

Na minha infância e adolescência, lembro-me de como ele sempre se empenhou para estar presente em minha vida. Ele me buscava e me levava onde eu precisasse ir, sem nunca hesitar. Mesmo com a rotina corrida, meu pai estava sempre disposto a me apoiar, seja me levando para a escola, aos treinos ou onde mais fosse necessário. Esse cuidado constante não era apenas um gesto prático, mas um sinal do quanto ele se importava com meu bem-estar e com o meu futuro.

E há algo que sempre me vem à mente quando lembro da minha infância: os momentos em que ele nos levava para comer chocolate Toblerone ou sorvete napolitano com coberturas. Ele sempre foi um grande fã de doces e sobremesas, especialmente pudim (risos). Essas pequenas indulgências não eram apenas sobre o prazer de comer, mas sobre aproveitar a vida, saborear os momentos simples e criar memórias que, até hoje, me aquecem o coração.

Ele sempre soube que ser um bom cristão não se resume apenas a ir à igreja, mas a viver de acordo com os ensinamentos de Deus no dia a dia, tratando as pessoas com respeito, amor e compaixão. Seu coração generoso e sua disposição em ajudar os outros são uma inspiração constante para todos nós. Seja em momentos de dificuldade ou de alegria, ele está sempre ali, pronto para apoiar a família e os amigos, e oferecendo uma palavra de sabedoria que traz paz e clareza.

Uma das lições mais importantes que ele me ensinou foi a calma diante das adversidades. Quando a vida nos impõe escolhas difíceis, ele sempre nos lembrou de manter a serenidade, de refletir antes de agir e de confiar em Deus para nos guiar pelo melhor caminho. Ele é a prova viva de que a verdadeira força está na paciência, no respeito e na confiança inabalável nos princípios.

Sou imensamente grato por tudo o que ele me ensinou e pelo exemplo de vida que ele sempre me deu. Ele não apenas é meu pai, mas também é meu guia e meu maior exemplo de como viver de maneira plena, justa e com um coração aberto para o bem dos outros”.

Henrique, filho

“Meu pai é um exemplo claro de integridade e generosidade, não apenas para nós, filhos e netos, mas para toda a comunidade que o admira e respeita profundamente, tanto nas relações profissionais quanto pessoais. Sua dedicação ao trabalho voluntário e sua incansável disposição para ajudar os outros, sem jamais esperar nada em troca, são inspiradoras. Suas opiniões firmes e assertivas, bem como as decisões que toma – mesmo quando não são perfeitas – são sempre guiadas pela transparência, pela busca pela justiça e, acima de tudo, por um coração bondoso. Ele é um alicerce moral, uma força de valores que consegue repassar para mim – e com certeza para toda sua família – e um modelo de vida para todos que têm o privilégio de conhecê-lo”.

Felipe, filho

“Não é difícil falar do meu pai, ao mesmo tempo sinto que não existem palavras suficientes para representá-lo da maneira que merece. Seu coração gigante e generoso é uma das suas marcas, sempre disposto a ajudar a todos sem medir esforços e sem querer nada em troca. Além disso, os valores que herdou de seus pais seguem presentes em sua vida e são passados para nós, filhos e netos. Honestidade, justiça, ética, responsabilidade, sinônimos de boa conduta e convivência, os quais sempre estiveram presentes nas suas relações pessoais, profissionais e comunitárias.

O Beto pai não fica para trás. Pai presente, carinhoso, cuidadoso, nos ensinou muitas coisas e nos ensina a cada dia, com sua forma simples e sábia de levar a vida: dar importância àquilo que realmente importa.

No convívio diário, é uma pessoa agradável, feliz, uma companhia amiga. Sabe sorrir com um cafezinho e um pão com manteiga, escutando e falando sobre coisas da vida, relembrando as placas dos “autos” ou as histórias de política e futebol. Sabe se emocionar ao lembrar de algum ente querido, do seu saudoso pai ou mãe, do filho que mora fora ou dos netos. O coração bondoso também é doce e se derrete fácil. São tantas as marcas que deixa em nossas vidas, marcas do exemplo, do carisma, das qualidades e também dos defeitos, das manias, dos ensinamentos.

E quando me vejo dando um vinho de presente a alguém que recém conheci ou quando tenho a certeza do caminho certo a percorrer, não tenho dúvida que tenho muito de meu pai em mim! Te amo”.

Ilsa, nora

“Querido Beto,

Dedico um momento para expressar meu carinho e gratidão por você.

Embora a distância nos separe, quero que saiba o quanto você significa para mim e a imensa admiração por tudo o que você representa para toda a família. A sua vinda à Austrália e nossa viagem em família pela Itália ficou gravada na minha memória de uma maneira especial. Não apenas pela beleza do lugar, mas pela oportunidade de estarmos todos juntos criando lembranças que serão para sempre. Saiba que a distância não diminui a importância que você tem para mim. Que possamos cada vez mais nos reunir para celebrar a vida e a família!

Com muito carinho, Ilsa”.

Bruna, nora

“Meu querido sogro Beto é uma das pessoas mais generosas que conheço. Está sempre disposto e tem um olhar diferenciado para a vida e seus desafios. Com alma sensível, se emociona e en-

che os olhos de lágrimas quando algo toca seu coração. Sempre fez eu me sentir bem e em casa, tenho muita sorte e sou extremamente grata pela vida do Beto e da Sonia. Como vovô, ele é coruja, gosta de jogar futebol com Benjamin, fazer churrasco para a família. A neta Maria Isabel adora seu colinho. É uma honra e uma verdadeira alegria conviver contigo, Beto. Obrigada pela presença, amor e carinho. Te amamos”.

Ana Elisa, nora

“Beto é um pai, vovô e sogro muito generoso, sempre pronto para receber a família com um sorriso sincero e palavras gentis. Ele é honesto, confiável e divertido, seu senso de humor é contagiante e transforma todos os encontros em momentos inesquecíveis. É também um exemplo de amizade verdadeira, muito leal e íntegro.”

João Carlos, (Caio) irmão

(In memoriam, por sua filha Cristiane Finger)

“Paulo Roberto Finger, conhecido carinhosamente como Beto, é uma figura central em nossa família e comunidade. Irmão do meu pai, João Carlos Finger, Beto sempre foi um exemplo de dedicação e amor ao próximo.

Desde jovem, Beto seguiu os passos de seu pai, Ary Finger, e se tornou contador. Ele não apenas herdou a profissão, mas também o escritório de contabilidade, que se tornou um legado familiar.

Além de ser um profissional exemplar, Beto é um esposo dedicado, um pai amoroso e um avô presente. Sua família é seu maior tesouro, e ele sempre fez questão de estar ao lado de seus entes queridos, oferecendo apoio e carinho incondicionais.

Beto é mais do que um tio; ele é uma inspiração para todos nós. Sua trajetória de vida é marcada por conquistas, mas também por humildade e generosidade. É uma honra poder prestar esta homenagem a alguém tão especial”.

Luiz Antonio (Tonho), irmão

“Os nossos pais tinham um sonho: muitos filhos. A nossa mãe fez uma promessa desejando um verdadeiro milagre. As orações foram muitas e o milagre aconteceu. Ao nosso querido irmão, que sempre ajudou na criação e nos ganhos financeiros dos nossos pais para o sustento e bem estar de todos, foi um lutador que nunca mediu esforços para que a família tivesse o melhor. Sempre me incentivou e me ajudou nos momentos em que precisei. Um irmão e companheiro, nos momentos alegres e difíceis. Tenho muito orgulho de tê-lo como irmão. Destaco que também escuto de muitos membros da comunidade sobre sua sinceridade, bondade e sua religiosidade. Com sua persistência e perseverança, quebrou muitos tabus, inclusive de ser muito envergonhado, superou tudo e se tornou um ótimo vereador. Fizemos até a comunhão juntos e lutamos juntos para o bem estar da nossa família, sempre como prioridade. Trilhamos a vida sempre próximos, com erros e acertos, mas com garra e perseverança para darmos o melhor para os nossos pais e irmãos. Beto, sempre tão prestativo e bondoso com todos, isto tudo foi um aprendizado que tivemos dos nossos pais, avôs e tios. Obrigado, Beto!”

Maria de Fátima (Fati), irmã

“Falar do meu irmão Beto é fácil, pois ele tem um bom coração, é quase um pai para todos nós. Ele é o terceiro, nasceu antes de mim, temos a honra de pertencer a família de 15 irmãos. Beto, sempre muito carinhoso, preocupado e interessado por todos os irmãos. Inteligente, trabalha com números, dom que herdou do nosso pai e que nos enche de orgulho. Expresso aqui minha gratidão a esse irmão querido. Que Deus o proteja infinitamente sempre. Te amo, Beto”.

Justina Inês (Tina), irmã

“O terceiro filho de uma família de 15 irmãos. Quando falo de você me emociono! E é tão simples pois sempre fostes referência para todos nós irmãos! Herdastes a bondade de nossa mãe e a razão de nosso pai. Amor e gratidão por fazer parte de nossa linda e querida família que tanto amamos. Você se tornou um ótimo pai e avô. Beto, siga sempre seu caminho na paz e na luz de Deus! Que ele sempre abençoe sua vida! Te amo, meu irmão! Carinho sempre por você. De sua irmã Tina”.

José Francisco (Fico), irmão

“Falar do meu irmão Beto é falar de família, admiração e respeito. Eu tenho o maior respeito por ele, pois sempre teve muito cuidado e preocupação com todos os irmãos. Sei que para ele a família é muito importante, este é o legado que nossos pais nos deixaram. E mesmo tendo opiniões diferentes em alguns momentos, a minha admiração por ti é a mesma. Também somos muito gratos pela confiança que depositaram em nós ao nos escolher para sermos dindos do Henrique. Parabéns por essa família maravilhosa que vocês construíram”.

Tadeu Ary (Tade), irmão

“Mano Beto, não há distância, intriga e dificuldade que poderá quebrar os nossos laços. Obrigado por ser assim tão incrível. Continuamos a viver em família. Te amo”.

Marcelino (Ino), irmão

“Beto, um irmão muito especial na vida de todos da nossa família. Sempre pronto para ajudar, a resolver problemas e a passar pelas dificuldades, auxiliando e orientando com sua sabedoria. Sempre fez o melhor para que eu fosse um bom comerciante, bem sucedido nos negócios. Gratidão por tudo, que Deus te ilumine sempre, meu irmão de alma!”

Terezinha (Tere), irmã

“Antes de falar do meu irmão, gostaria de dizer o quanto amo todos os meus irmãos e todas as famílias de cada um deles. O Beto sempre foi preocupado com todos nós. Desde quando eu era pequena, eu percebia o quanto ele cuidava de nós, preocupado para que tivéssemos tudo o que precisássemos, fazendo de tudo para nos ajudar a crescer, no amor, na sabedoria e nas finanças. Sempre orientando para que tudo desse certo. Só tenho gratidão por ti, meu irmão, por tudo o que fez por todos nós, pelo teu exemplo de pessoa, generosidade. Te vejo como o nosso pai, desde a aparência até as atitudes. Te amo querido irmão, obrigado por fazer parte das nossas vidas.”

Emílio, irmão

“Quando converso com o Beto, vejo claramente os traços do nosso amado pai. Avô e amigo (vô Ary), pois nele vejo uma pessoa de pulso firme, organizado, metódico e assertivo, não só com os números, mas, acima de tudo, uma pessoa de um coração bondoso, justo e muito amoroso. Do seu jeito, sempre tentou ajudar, consertar e ensinar. Amo você, nosso irmão mais velho... bem mais velho. Do teu irmão mais novo e mais bonito”.

Isabel Cristina (Beia)

“Mano Beto, muito teria para falar sobre você, mas em poucas palavras, sinto gratidão pela oportunidade de ter você como irmão mais velho, pois muito aprendi. Você é o reflexo da força, da bondade e da lealdade. Tenho sorte de ter nascido na mesma família. Você sempre me apoiou e me aconselhou, principalmente quando pensei em fazer o magistério. Está nas minhas lembranças que foi você quem falou pro pai que iam dar um jeitinho para eu estudar no São José. E quando precisava comprar algo, você dava sempre um jeitinho também, mandava no Gelain. Sinto-me muito grata por poder contar com o seu carinho e apoio em todos os momentos da minha vida! Que Deus te abençoe hoje e sempre! Te amo!”

Roque Alberto, irmão

“Falar do Beto é o mesmo que falar do nosso pai. Ele sempre foi a pessoa dos controles, contas, etc. Aprendi muito com ele: ética, honestidade e compaixão. Te amo muito mano!”

Rita, irmã

“Eu sempre considerei o Beto como um conselheiro, tanto para mim quanto para nós, irmãos, e toda a família. Considero ele uma pessoa centrada e de bom caráter. Nunca faltou quando foi solicitado, para qualquer assunto ou momento. Tenho muito orgulho de ser tua irmã e fazer parte desta família. Te amo, obrigado por tudo sempre!”

Ricardo, irmão

“Meu querido irmão, além de irmão, é como um pai para mim. Sempre me ajudou em todos os momentos que precisei. Sempre que tive dificuldades em saber o que fazer, me aconselhei com ele e, com muita sabedoria, me ajudou muito. Uma pessoa de um coração gigante, amado e admirado por todos. Sempre digo, como pai gostaria de ser um pouco como é o Beto como pai. Admiro muito como irmão e principalmente como um pai. Pessoa centrada, preocupada com os outros. Lembro, com muito carinho, de uma passagem: o Beto é o meu padrinho de Crisma e eu queria muito uma bicicleta. Ele me trouxe uma Caloi 10. Gostei tanto do presente que levei ela até o sótão onde eu dormia e dormi com a bicicleta do lado da minha cama. Jamais vou esquecer desse presente. Fui no casamento dele, levei as alianças, lembro do Corcel azul. Momento registrado em foto. Querido irmão, obrigado por tudo o que você faz por toda nossa família e, principalmente, por mim. Desejo muitos anos de vida, como tu mereces!”

